

CENTENÁRIOS

JOSÉ LINO DA JUSTA

Pacatuba, a cidade simpática, engastada como uma jóia no sopé da Serra da Aratanha, foi o berço de José Lino da Justa.

A geração atual, apressada e utilitarista, desconhece talvez ou pouco rememora êsse nome significativo.

Filho do primeiro agrônomo que teve a Província, o Dr. José Antônio da Justa, e de D. Joana da Costa Justa, irmã de Juvenal Galeno, José Lino ali nasceu, a 23 de setembro de 1863.

A família Justa tem uma de suas raízes, em Portugal, no Arcebispado de Braga. Dos Justas que vieram para o Ceará, destaca-se o proprietário Antônio Gonçalves da Justa. Filhos dêste foram Antônio Gonçalves da Justa, alto comerciante em Fortaleza, José Antônio da Justa e Henrique Gonçalves da Justa, que viveram em Pacatuba como agricultores e militares da política.

José Lino da Justa estudou primeiras letras na vila do seu nascimento, com o professor Raimundo Vítor de Souza Costa, mestre público. Feito o curso de humanidades no Ate-neu Cearense, rumou para a capital baiana, onde se diplomou em medicina no ano de 1889. Ao formar-se, defendeu a tese "Etiologia e Profilaxia do *Colera Morbus*".

Durante o curso médico, colaborou na *Gazeta da Tarde*, de Salvador, e foi secretário do Club Acadêmico Abolicionista 24 de Maio.

Voltando ao Ceará, entregou-se aos labôres da sua nobre profissão, mas, manifestando ainda outros ideais, ingressou nas lutas partidárias, freqüentou as colunas dos jornais e granjeou a admiração dos seus conterrâneos como escritor e crador dos mais distintos.

Inspetor da Higiene Pública, Chefe de Polícia, deputado estadual, presidente da Assembléia Legislativa, deputado federal foram cargos e mandatos exercidos com competência, zêlo e brilho por José Lino. Posições de evidência ocupou também no Centro Médico Cearense e na Associação dos Jornalistas Cearenses.

No Centro Literário, cuja presidência exerceu, no Instituto do Ceará e na Academia Cearense de Letras deu expansão às suas inclinações literárias.

No ardor de uma campanha política, redatoriu, em companhia de Justiniano de Serpa e Álvaro Mendes, o jornal *Diário do Ceará*. Dirigiu também *O Norte*.

Em grandes festas cívicas, era geralmente o verbo de José Lino, eloqüente e ático, que se fazia ouvir.

Colaborador de jornais e revistas, rêles inseriu páginas admiráveis, pela justeza dos conceitos e beleza das frases.

Primoroso estilista, foi êle chamado em vários ensejos, numa qualificação jamais contestada.

Famosas são as suas orações proferidas em festividade comemorativa do Tricentenário do Ceará, e na inauguração da estátua do general Sampaio.

O amor patriótico inspirou-lhe diversas alocuções e artigos de exaltação ao destemor das fôrças brasileiras nos campos do Paraguai.

São de sua lavra, entre outros trabalhos, merecedores de enfeixados em livro: "Biografia do Senador Vicente Alves de Paula Pessoa"; "D. Pedro II e o Ceará"; "A Guerra do Paraguai"; "Epopéia de Caxias"; "A Questão Social e o Cooperativismo"; "Centenário da Independência"; "A Religião Católica Como Vínculo da Unidade e da Grandeza Territorial do Brasil"; "Confederação do Equador"; "Reminiscências Acadêmicas"; "Em tôrno da Conferência de Haia"; "A Gleba e a Raça Cearense"; "O Centenário de José de Alencar"; "Novos Sócios do Instituto"; "Páginas do Passado".

Escreveu e publicou, ainda, diversos Relatórios, dirigidos ao Presidente do Estado e ao Secretário do Interior.

Inéditos encontram-se "Notas e Impressões de Viagem" e "Cousas e Homens do meu Tempo".

Transferindo a sua residência para o Rio de Janeiro, ali faleceu o Dr. José Lino no dia 22 de abril de 1952.

Evocando a data em que, há cem anos, viu a luz pela primeira vez José Lino da Justa, a Academia Cearense de Letras homenageia a memória do seu notável e saudoso consócio.

M. A. A.